

## O CEARÁ NO CENTENÁRIO DE JOSÉ DE ALENCAR

Angela Gutiérrez

Os sinos da Igreja do Patrocínio soam as quatro badaladas, quando duas senhorinhas, acompanhando o pai, o médico César Rossas, saem de casa, à Rua 24 de maio, 124, em direção à antiga Praça Marquês de Herval, que já fora Largo do Patrocínio e, a partir de então, recebe o nome de Alencar.

O burburinho de vozes de crianças, os sons da banda de música, o colorido dos jardins contrastam com o ar compungido das mocinhas, de luto fechado pela morte recente do avô. As duas, comme il faut, usam chapéu, A mais velha, de dezessete anos, ajeita o chorão de crêpe, que sai do chapéu na altura da nuca. A mais nova, nos seus doze anos rebeldes às convenções sociais, colocara, como sempre a contragosto, um chapeuzinho colado à cabeça, com a pequena aba virada na testa.

Ao chegar à Praça, a menina lembra o avô amado que deveria estar ali, participando da festa. Muitas vezes, conversara com o avô sobre os romances de José de Alencar. E, poucos instantes antes de sua morte, súbita, inesperada, vira-o escrevendo sobre o romancista. Um artigo para a Revista do Instituto, dissera-lhe. Depois de tudo acabado, a menina pediu à mãe permissão para ler as páginas que ficaram esparsas sobre a escrivainha.

Começavam assim:

“José Martiniano de Alencar

pelo Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil

Antes de delinear o perfil literário de José de Alencar, permita-se-me tracejar-lhe rapidamente a biographia.”

Mais tarde, essas mesmas palavras poderiam ser lidas, já não através da letra miúda e elegante do avô da menina, mas na *Revista do Instituto do Ceará*.

O que acabo de lhes contar, foi-me narrado por minha mãe, Sra Angela Laís Pompeu Rossas Mota, no dia 1º de maio deste ano, recordando seu tempo de menina de doze anos, quando fora assistir à

cerimônia de inauguração da estátua de José de Alencar, no centenário de nascimento do escritor cearense.

Antecipando-se a Fortaleza na perpetuação em bronze de Alencar, a cidade do Rio, lançara, em 1897, a pedra fundamental da estátua do escritor cearense, no Largo do Catete, através de cerimônia, em que Machado de Assis, então já consagrado escritor, ressaltara que “nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira” e que “é justo perpetuá-lo, pela mão do nosso ilustre estatuário nacional”. No mesmo ano, no dia 1º de maio, essa estátua do romancista cearense, obra do escultor Rodolpho Bernardelli, é inaugurada e, no século XXI, continua recordando Alencar em belo recanto da cidade do Rio, na Praça que tem seu nome.

Em 40 páginas da *Revista do Instituto* de 1897, estão transcritos telegramas enviados por órgãos e pessoas de Fortaleza ao escultor Bernardelli, ao prefeito do Rio e a outras autoridades na inauguração da estátua, artigos da Imprensa do Rio (*Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *A Notícia*), assim como os discursos de Coelho Neto, Antonio Sales, Olavo Bilac, Barão de Alencar (pelo IHGB), pronunciados na ocasião. Aí, tomamos conhecimento do tom apoteótico da solenidade, em que estiveram presentes o presidente e o vice-presidente e as mais altas autoridades da República, bem como intelectuais, estudantes, o povo do Rio. O evento constituiu não só uma glorificação de Alencar como uma festa nacional.

Em seu *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*, volume II, de 1913, às páginas 161 e 162, o Barão de Studart, referindo-se à inauguração da estátua de Alencar no Rio de Janeiro, indagara: “Quando o Ceará pagar-lhe-á igual tributo, honrando-se a si e ao filho, que tanto o celebra?” Suas palavras foram ouvidas e, trinta e dois anos depois, na terra natal de Alencar, em seu centenário de nascimento, a 1º de maio de 1929, o Ceará perpetua a imagem de seu filho em escultura de bronze que representa Alencar em imponente monumento *art-déco*. O autor da obra, Humberto Bartholomeu Cozzo, renomado escultor, fora escolhido em concurso público de âmbito nacional promovido pela Associação Cearense de Imprensa – ACI. O artista, aliás, assina grande número de esculturas e imagens de santos na cidade do Rio, e inclui-se entre suas obras mais famosas a estátua de Machado de Assis, que pode ser admirada à frente da Academia Brasileira de Letras.

No Ceará, a homenagem a Alencar, na primeira metade do século XX, ganha especial relevo pelo fato de contarmos, então como agora, com poucas estátuas de bronze dos chamados grandes homens: a de Pedro II, defronte à antiga Sé e, hoje, à Catedral, as dos generais Sampaio e Tibúrcio, entre as mais conhecidas, sendo a de Alencar – é importante lembrar - dedicada a um homem de letras, mais especialmente a um romancista, uma vez que, na base do monumento, sobressaem altos relevos em bronze de *Iracema* e *O Guarani*, o que equivale ao reconhecimento histórico da literatura e do escritor *tout court*.

Hoje em dia, em nossa cidade, outras personalidades literárias, como Rachel de Queiroz e Patativa do Assaré, juntam-se a Alencar, na perpetuidade em bronze. Se o escritor Alencar é esculpido nesse material duradouro e símbolo de sua perenidade literária, os escritos de Alencar permanecem, também, na memória e no imaginário cearense e brasileiro. No século XXI, na era de vertiginosos avanços tecnológicos na comunicação ao vivo e virtual, não se há de esperar, como faziam os estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, nos anos 50 do século XIX, a chegada do correio para ler *O guarani*, mas o encanto das narrativas indianistas de Alencar persiste e se revela não só no número de edições de *Iracema* e de *O guarani*, como no número de brasileiros com nomes de personagens indígenas.

Como escreve Candido, na *Formação da Literatura Brasileira*, o fato de registrar os filhos com os nomes indígenas, criados ou divulgados por Alencar, mostra “a vontade profunda do brasileiro de perpetuar a convenção, que dá a um país de mestiços o álibi duma raça heróica, e a uma nação de história curta, a profundidade do tempo lendário”. Indica o mestre, nessas palavras, uma explicação para a perpetuidade da obra do romancista cearense no imaginário dos brasileiros e, ao mesmo tempo, toca em ponto essencial de toda a trajetória romanesca do autor de *Iracema*: a criação de um passado para a jovem nação independente. Alencar, em texto explicativo de sua obra a posteriori - o prólogo “Bênção paterna”, que abre o romance *Sonhos d’Ouro*, de 1872 -, já então com a perspectiva de quase toda sua novelística publicada, sistematiza sua própria construção literária de Brasil-Nação, em ambicioso painel do país, no tempo e no espaço.

Na *Revista do Instituto do Ceará* do mesmo ano de 1929, o Barão de Studart ressalta o acontecimento da inauguração da estátua de Alencar - “a quem o Ceará [...] imortaliza em bronze” (p.20). Nesse número da *Revista*, além de Guilherme Studart e Thomaz Pompeu, escreveram, ainda, sobre Alencar, outros dois membros do Instituto: José Lino da Justa e Antonio Theodorico da Costa.

O Barão, no artigo “José Martiniano de Alencar” (p.20-28), seguindo a linha de seu famoso *Diccionario Bio-Bibliographico*, apresenta dados de vida de Alencar e de sua produção literária, listando seus textos publicados e inéditos e indicando a bibliografia de então sobre o escritor e sua obra: livros de Araripe Júnior, José Veríssimo, Sylvio Romero, Arthur Mota, Oswaldo Orico, Lopes Trovão, entre outros.

Antonio Theodorico da Costa inicia seu texto, intitulado “A minha homenagem” (p.37-39), convocando ilustres cearense já falecidos, entre eles os rebeldes da Confederação do Equador, os abolicionistas, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior e Thomaz Pompeu, para ficarem de pé, “enquanto nós outros vivos nos descobrimos diante desta homenagem de admiração, que o Ceará tributa ao seu nobre filho – José de Alencar” (p.38)

O tom de eloquência encomiástica dessa citação persiste em todo o artigo e evidencia, para além do estilo *belle époque* ainda vigente, a elevada admiração que, passados 52 anos da morte de Alencar, seus conterrâneos lhe dedicam. Ao referir-se ao monumento que homenageia Alencar em Fortaleza, Antonio Theodorico registra seu entusiasmo, finalizando o artigo com as palavras que se seguem:

Eu applaudo phreneticamente, eu bato palmos de contentamento por esse vosso acto de patriotismo.

Sinto-me orgulhoso diante desse exemplo de tanto valor á memória de tam grande cearense.

E, tu, viandante, que por alli passares nas frescas manhãs de serenas madrugadas ou sob as ardências de um sol de brazas, não admires somente as linhas architecturales da arte constructora; não leias somente os dizeres inscriptos nas faces desse augusto nas faces desse augusto e magestoso; não te encantes sòmente diante de Pery, que foi um prodígio de carinho para sua graciosa Cecy, nem te enternecas com Iracema, tendo nos braços, Moacyr, fructo de seu primeiro amor;

dirijas os teus olhares para o busto de bronze, que culmina, altivo, o bloco trabalhado.

Fita-o bem de perto. Grava em tua memória o seu nome – José de Alencar.

É o nome de um cearense.

É uma gloria do Brasil.(p.37)

No miolo do texto de três páginas, cita três romances de Alencar: *O guarany*, *Iracema* e *Minas de Prata*, detendo-se, especialmente, no primeiro. Lembra que o romance inspirou “o excelso mestre de Campinas”, Carlos Gomes, que “manifestou pujantemente o seu genial talento naquella melodia, naquelles acordes, acompanhando as scenas empolgantes, em actos de bravura, em gestos de bondade, óra em fúrias de odio de grandioso indianista nacional” (p.38).

É interessante notar que, referindo-se a *O Guarany* como “obra de peso”, que “revella uma intelligencia superior”, acrescenta “vale bem pelo Sertões do infeliz Euclides”. Lembremos que o livro de Euclides, que estabelece uma ponte entre o século XIX e o Século XX, desde sua publicação, fora aclamado, no chamado século do progresso, como o livro nacional e seu autor como um escritor de conhecimentos enciclopédicos. Assim, a equivalência d’*O Guarany* com *Os sertões* equivale à consolidação, no século XX, desse romance indianista como livro da nacionalidade e seu autor como “inteligência superior”, na expressão do próprio articulista.

Sobre a estátua de Alencar em Fortaleza, o articulista, como Guilherme Studart já o fizera mais de quinze anos antes, reclama da “Tardia homenagem, diga-se também a verdade, quando há muito o coração cearense podia tel-a erguido para trazer presente ao povo a lembrança desse illustre conterrâneo.”(p.38-39)

O Jornalista Lino da Justa, no texto “O Centenário de José de Alencar”, em tom solene de discurso, uma vez que suas palavras destinavam-se a representar o Instituto do Ceará na cerimônia de inauguração da estátua, ressalta a importância cívica do acontecimento:

Neste ambiente, sagrado nesta hora, porque nelle o povo cearense celebra o ritual de um culto, que é a justiça da posteridade, ainda voejam as ultimas harmonias de uma symphonia inmortal e os accor-

des de um hymno a repercutir pelos ares como a nota mais encantadora e impressionante desta deslumbrante cerimônia.

As almas angélicas da innocencia e da juventude acabam de entoar, numa vibração de amor e de fé patriótica, estas notas sonoras que constituem, por ventura, num relevo tocante e expressivo, a maior apothese ao cantor maximo de nossa brasilidade (p.29-30).

Ao exaltar os múltiplos talentos de Alencar, José Lino ressalta sua “mentalidade privilegiada”, sua “operosidade intellectual”, “as conquistas successivas que o elevaram rapidamente ao fastigio da intellectualidade brasileira”, “sua cultura superior, “uma formosa tradição de combatente audaz, viril e de recursos inexpugnáveis”, mas, sobretudo: “quanto elle amou a Pátria” (p.30 e 31).

Entre seus romances, distingue *Iracema* e *O Guarany*, lembrando que, na estátua de Alencar que se inaugura em seu centenário de nascimento, os dois romances estão representados pelos dois indígenas protagonistas: “Iracema – entregando o filho de seu amor ardente e de sua dor incommensuravel” e “Pery , a força indomita da raça mesma raça. É o Brasil, com seu destino prophetic, é a vida...” (p.35-36)

Para confirmar suas palavras sobre Alencar, socorre-se de dois críticos da obra alencariana: Araripe Júnior, ao lembrar o interesse do romancista cearense, desde a mocidade, por tudo que se referia à natureza do país e à heroicidade de seu povo; de Machado de Assis, para realçar a crença na permanência de Alencar na posteridade.

De todos os textos, o de Thomaz Pompeu é o mais longo (19 páginas) e de maior teor crítico, embora ressalve: “Falta-me competencia para apreciar com espirito critico, literario, a grande obra imaginativa do nosso mais fecundo, popular e justamente acatado romancista. Apenas rascunharei rapida noticia sobre suas principaes creações” (p.3)

No início do artigo, a que já aludi - “Antes de delinear o perfil literario de José de Alencar, permitta-se-me tracejar-lhe rapidamente a biographia”-, justifica o método por considerar que o homem Alencar é menos conhecido do que o romancista que “empolga toda nossa admiração com sua fecunda, imaginosa, sympática e proteica faculdade creadora”. (p.1)

Depois de recordar dados biográficos de Alencar, como seu nascimento no Sítio Alagadiço Novo, sua formatura em Direito, de-

mora-se no acompanhamento da carreira jornalística do escritor no Rio de Janeiro: o folhetim “Ao correr da pena” no *Correio Mercantil*, sua atuação no *Jornal do Commercio* e no *Diario do Rio de Janeiro*. Neste último, ressalta suas “Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos”, que Alencar escreve sob o pseudônimo de Ig. Diz Thomaz Pompeu: ‘O jovem Alencar, na critica acerba – das *Cartas sobre a confederação dos Tamoyos*, penetrava intimamente na factura deste poema, assignalando-lhe os defeitos, tão ás claras, de modo relevante, que não deixava duvidas sobre os erros ou deslises do autor’.(p.2) Ressalta Pompeu que a “estrêa do jovem fora brilhante; grangeara-lhe as sympatias do publico ledor”.

Detém-se o estudioso, também, nas famosas *Cartas Avulsas*, mais conhecidas como *Cartas de Erasmo*, em que, nas palavras de Pompeu: “Nesse estylo, um tanto declamatorio, mescla de Chateaubriand, de quem Alencar se confessa profundo admirador, nos conceitos pessimistas, e de Cormenin, na vehemencia do ataque, Erasmo só vê incertezas e máos presagios na politica.”(p.6)

Apesar de suas convicções monarquistas, Pompeu considera que o pedido de exoneração de Alencar do cargo de Ministro da Justiça no Gabinete Itaborahy: “Foi um acto de hombridade, revellador da tempera cívica do character do illustre político, preterido na escolha imperial”. (p.3)

Depois de revisar o desenvolvimento do romantismo, sobretudo na Europa, Thomaz Pompeu considera que, “Chateaubriand e Cooper haviam romantizado o selvagem americano, com tal exuberancia de colorido, de tonalidades pinturescos, de paizagens amenas e até de sensibilidade affectuosa, que facil fora por imitação transportar para as selvas brasilicas os Juca Pirama, os Ambire, os Guarany e Iracema no Brasil (p.9). Em suas palavras, Alencar “procurou reivindicar para o selvagem a generosidade, a ternura, a coragem que os nossos chronistas lhe recusam, ou quase desconheciam”(p9),

No exame da obra literária do escritor cearense, Thomaz Pompeu amplia o corpus dos outros articulistas, analisando, além de *Iracema*, *O Guarany* e *As Minas de Prata*, outros romances, como *O sertanejo*, *Lucíola* e *Senhora*, e as peças teatrais de Alencar. Importa ressaltar que Pompeu ousa, apesar de elogiar a poeticidade do romance *Iracema*, realçar traços da personagem, já a essa época, mitificada: “Seu amor é

uma devoção, a renuncia de si, alguma coisa da Margarida de Goethe, paralisada no sensorio pelo Dr. Fausto; sempre passiva e descuidosa, na crença robusta de que viver é amar, sendo o ser querido o senhor, o dono exclusivo, o enlevo, o único a quem se deve obediencia absoluta, sem reflexão nem contradicta”(p.10)

Analisa a crítica sobre a obra de Alencar, comentando textos de Taunay, João Romero, João Ribeiro, Artur Mota e Ronald de Carvalho, concordando com o primeiro que considera *As Minas de Prata* como verdadeira obra-prima em seu gênero; com João Romero e João Ribeiro, em seu *Compendio de historia da literatura brasileira*, quando dizem que “não ficou recanto do nosso viver histórico-social em que elle não tivesse lançado um raio do seu espirito”. Da *Pequena historia da literatura brasileira*, de Ronald de Carvalho, transcreve citações sobre os romances americanistas de Alencar, que o crítico ajuíza como “incontestavelmente os melhores que produziu” (p.16).

Além do mais, diz Thomaz Pompeu:

Alencar não se ateve somente a criação do americanismo indigena [...], perlustrou todos os domínios literarios, quasi sempre com a superioridade de seu talento sem rival nas nossas letras [...] o que distingue o escriptor cearense e se lhe assigna inconfundível, sainete próprio, nas letras nacionaes, é a proteiformidade de seu talento, a perennidade de sua fonte inventiva e mais que tudo, a doçura, a cadencia, a nota melódica de seu estylo, a suavidade de linguagem, o encanto, a magia, dessa musica cantante que desperta no leitor sensações doces, mescladas de ternura tão suggestiva que lembram por vezes a prosa límpida e lapidar de Renan. (p.14 e 15)

Discorda Pompeu da opinião de Arthur Mota, quando este “nega a Alencar a faculdade de observação e analyse psicologica” dos personagens de seus romances que seriam “inverosimeis e não se sustentem de pé por muito tempo”.(p.18) Thomaz Pompeu afirma que a

crítica é por demais severa. [...] Só nos romances de theses as personagens são inteiriças e procedem em todas as occasiões, segundo os sentimentos e idéas que o autor lhes assignala. As suas posições e attitudes conservam uma directriz inflexivel, sempre a mesma, como se fora um theorema geometrico ou um sillogismo irreductivel.[...] A’ esta psychologia, que senta melhor nas manifestações paranóicas ou



aberrantes da existência, contrapõe-se a apresentação dos caracteres, taes como se revelam nas ocasiões, lógicos ou não. (p.180)

Continua Pompeu no parágrafo seguinte: “O romantismo creou o extraordinário, o singular, o excepcional. Os seres que elle move e acarecia...” E aqui interrompe a escrita do texto porque sua vida foi interrompida.

Considerando os vários artigos sobre Alencar, da *Revista do Instituto*, relativa a 1929/1930, depreendo que os textos denotam:

a afirmação da glória literária de Alencar;

o sentimento de orgulho dos cearenses por serem conterrâneos de Alencar como glória nacional;

a relevância do caráter de brasilidade de Alencar para avaliação de sua obra;

a preponderância dos romances indianistas ou americanistas na análise das obras alencarianas, sobretudo *Iracema* e *O guarani*;

a concordância, mais ainda, o entusiasmo com a homenagem que é prestada a Alencar através da perenidade do monumento em bronze;

a consciência da perpetuidade da obra literária de Alencar como um monumento literário também perene.

Assim, há concordância oitenta anos atrás, como hoje, como em 1897, quanto à perenidade da obra de Alencar. E o há, também quando, no mesmo ano, Machado de Assis, em prefácio à reedição d’*O Guarani*, escreve: “Peri murmura ao ouvido da moça: Tu viverás e vão ambos por ali abaixo, entre água e céu, até que se somem no horizonte. Cecília é a alma do grande escritor, a árvore é a pátria que a leva na grande torrente dos tempos. Tu viverás.” (José de Alencar: *O Guarani*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, v.III, p.925-926).